

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SANDRA MARA MONTEIRO

DESAFIOS DA DIVERSIDADE E GÊNERO NO CONTEXTO ESCOLAR



LAPA  
2016

SANDRA MARA MONTEIRO

DESAFIOS DA DIVERSIDADE E GÊNERO NO CONTEXTO ESCOLAR

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Daniela Resende Archanjo

## DESAFIOS DA DIVERSIDADE E GÊNERO NO CONTEXTO ESCOLAR

**Sandra Mara Monteiro<sup>1</sup>; Daniela Resende Archanjo<sup>2</sup>**

<sup>1</sup> Professora de biologia e ciências - Colégio estadual Teotônio Vilela; E-mail:  
sandramonteiro@seed.pr.gov.br

<sup>2</sup> Professora do curso de Especialização Gênero e Diversidade na Escola da UFPR; E-mail:  
danielaarchanjo@hotmail.com

### RESUMO

Este artigo objetiva mostrar a importância de desenvolver o tema de gênero diversidade sociocultural no cotidiano escolar, percebe-se que as diversidades tem sido um grande desafio, pois a escola atual ainda tem dificuldades para debater e realizar a interação do tema junto aos discentes, por tratar-se de temas ainda complexos e polêmicos para a sociedade em geral. Necessita-se apontar uma escola que garanta o respeito a todas as diversidades prese vivenciada pelos educandos dentro da Instituição de Ensino, sendo espaço de inclusão, aprendizagem e construção da identidade do sujeito, percebendo constantemente que os educandos são sujeitos com potencialidades e limitações. Tal condição de preconceitos vivenciada por educandos nas situações de discriminação de gênero, diversidade sexual e diversidade cultural. É fato que o preconceito está presente no cotidiano escolar, por isso, a necessidade de se trabalhar o tema em uma educação inclusiva para todos os sujeitos da escola. O educando tem o direito de ser atendido em todas as suas necessidades educacionais, tendo em vista que a sua inclusão só acontecerá de fato e terá resultado se ele for respeitado em suas diferenças e potencialidades. Este artigo tem interesse de apresentar conceitos qualitativos de estratégias de abordagem do tema diversidade e gênero na escola, através de estudos bibliográficos com o intuito de comprovar a importância da inclusão de todos os educandos no conceito mais amplo de diversidade no ensino regular e seus reflexos no processo de ensino aprendizagem.

**Palavras-chaves:** Educação. Diversidade. Inclusão. Sociocultural. Gênero

## ABSTRACT

This article aims to show the importance of developing the gender issue sociocultural diversity in the school routine, it is clear that diversity has been a major challenge because the current school still struggles to discuss and carry out the theme of interaction with the students, for that this is still controversial and complex issues for society in general. You need to point out a school that guarantees respect for all diversities prese experienced by students within the education institution, with space for inclusion, learning and building the identity of the subject, realizing that students are constantly subject to potential and limitations. Such a condition of prejudice experienced by students in gender discrimination situations, sexual diversity and cultural diversity. It is a fact that prejudice is present in everyday school life, so the need to work with the issue in an inclusive education for all school subjects. The student has the right to be served in all their educational needs, given that their inclusion will only happen in fact and will result if it is respected in their differences and potential. This article is of interest to present qualitative concepts of theme approach strategies of diversity in everyday school life, through bibliographical studies in order to prove the importance of the inclusion of all learners in the wider concept of diversity in mainstream education and their effects on teaching and learning process.

**Keywords:** Education. Diversity. Inclusion. Sociocultural. Genre

## INTRODUÇÃO

Grandes mudanças estão ocorrendo na sociedade atual. Cada vez mais a pluralidade e a diversidade cultural se fazem presentes e nesse contexto surgem muitos desafios na área educacional.

A questão das diferenças deve ser trabalhada de forma a desconstruir o preconceito, e é necessário que esse trabalho comece na escola, por este ser um local de convivência social. Para isso, os docentes precisam estar preparados para incluir as diferenças dentro do currículo, e trabalhar a educação, voltada para os Direitos Humanos, com respeito e valorização da diversidade.

Sabe-se que os preconceitos são tão antigos quanto a diversidade de cultura, credo, religião, cor, orientação sexual, entre outros. Sabe-se também que gênero e diversidade são produtos da relação social que as pessoas estabelecem ao longo de suas vidas.

Assim, igualdade e diferença não podem ter conceitos definidos e imutáveis. Sempre dependerão das relações estabelecidas no processo de interação e construção social, que pode ocasionar discriminação e exclusão ou aceitação e respeito.

Conhecer a diversidade implica compreender a cultura e as relações sociais que transformam este espaço no melhor instrumento de promoção da igualdade.

Com este estudo, é possível verificar que a convivência com a comunidade escolar e as relações entre os indivíduos que a compõe, contribui para uma sociedade mais igualitária, com menos preconceitos e discriminações, pautada no respeito as individualidades e na disseminação de sua diversidade.

Para tanto, nesse trabalho, discute-se os desafios da diversidade na escola, questiona o que é ser diferente, e apresenta a escola como o palco para a mudança cultural que a sociedade necessita.

## **1. OBJETIVOS**

O objetivo do presente trabalho é contribuir para o fortalecimento das discussões acerca da importância do tema gênero e diversidade na escola, sendo o cenário escolar, um importante espaço para a promoção da igualdade entre as pessoas, considerando o conhecimento a ferramenta mais adequada para a compreensão da diversidade e para a reconstrução do respeito nas relações.

Inicialmente, serão apresentados os conceitos de gênero e diversidade que nortearão este trabalho e o contexto histórico da temática em questão.

Verifica-se também a relação entre gênero, diversidade, educação e escola e como esses conceitos podem ser interligados, contribuindo assim, com a transformação do Brasil em um país mais justo.

O método de pesquisa utilizado neste estudo foi de revisão bibliográfica sobre o tema, confrontando algumas concepções já existentes com a opinião de autores que enfatizam a importância do respeito às diferenças e os malefícios da homogeneização do currículo e da comunidade escolar.

Dessa forma o seguinte artigo se propõe a investigar de forma geral, a investigação consiste em descobrir se existem dificuldades em aplicar essas temáticas nas grades curriculares das escolas, e se há quais são elas. E em caráter específico como têm sido definidos e abordados os conceitos de gênero e diversidade na bibliografia.

Logo após extrair os dados pertinentes desses textos, será realizada a discussão visando atingir os objetivos específicos e por fim o objetivo geral, sintetizando e debatendo os conteúdos encontrados durante a pesquisa, gerando um novo documento que tem por caráter, não uma resposta absoluta, mas a abertura para novas discussões sobre a questão de gênero e diversidade na escola.

## **2. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **2.1. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE GÊNERO E DIVERSIDADE**

No passado e no presente, a humanidade se organiza em sociedade e sempre se questiona sobre suas origens e sobre o mundo que a rodeia. Grandes mistérios têm acompanhado várias gerações: como as pirâmides do Egito foram construídas, o que significam os hieróglifos deixados nas tumbas dos faraós, os calendários maias, e assim por diante. Diante de gigantescas construções ou de organizações sociais inspiradoras, homens e mulheres fascinam-se com a

sofisticação do pensamento e com a visão inovadora de mundo que os povos antigos já possuíam.

Não é preciso mencionar civilizações datadas de "Antes de Cristo" para encontrar diferentes culturas. Algumas décadas atrás, jovens e adultos já apresentavam estilos de vida muito diferentes dos jovens e adultos de hoje. Além do tempo, o espaço também interfere nestas manifestações. Ao observar as tradições de outros países, por exemplo, é fácil encontrar situações curiosas ou inaceitáveis, considerando o ponto de vista de cada um.

Diante dessas considerações, a homogeneidade cultural está longe de ser uma realidade. Os espaços estão cada vez mais marcados pelo encontro e pelo conflito de diferentes culturas. Esses encontros acontecem a todo o momento, não apenas devido as desigualdades sociais já enraizadas, mas devido a diferentes contextos de religião, origem e até mesmo, de geração.

É importante lembrar que a diversidade acompanha a história da humanidade. Ao mesmo tempo em que sociedades se uniram por suas semelhanças, dentro de suas organizações surgiram diferenças significativas que delimitaram os espaços de cada grupo social. Contudo, algumas sociedades que mantêm contato há muito tempo, mantêm as características de sua identidade que foram importantíssimas para a sua constituição.

O Brasil é um exemplo disso. Ao mesmo tempo em que há uma língua oficial e o compartilhamento de um universo cultural, existe também uma sociedade complexa caracterizada pela diversidade interna.

A diversidade brasileira não se limita as comunidades indígenas, passa também pela origem afrodescendente, italiana, espanhola, japonesa. Cada região do país possui uma cultura única, passada de geração em geração, ao mesmo tempo em que sofre com as influências de outras culturas.

Falar em diversidade significa considerar a origem das famílias e identificar a diferença entre os referenciais que foram adotados durante a constituição delas. Significa reconhecer que a formação e as relações de umas com as outras são feitas por pessoas que não são iguais, que tem características exclusivas de orientação sexual, valores, religião, gênero, raça/etnia e outras diferenças definidas a partir de suas histórias pessoais (CARRARA; et. al, 2009 p.).

Para este trabalho, diversidade será conceituada como "um mix de pessoas com identidades diferentes interagindo no mesmo sistema social" (FLEURY, 2000 p.). Assim, é possível abordar o tema sob diferentes perspectivas: no nível social, no nível de grupo e no nível individual. O termo será utilizado para descrever a heterogeneidade de culturas que representam a sociedade atual, em oposição ao modelo de estado moderno e ocidental, que se afirmou "sobre o pressuposto (geralmente tácito) da homogeneidade cultural organizada em torno de valores universais, seculares e individuais" (HALL, 2003 p.).

Além de definir o conceito de diversidade, é preciso conceituar gênero. Entende-se que diversidade e gênero são os norteadores deste trabalho e devem ser compreendidos em sua essência para oportunizar a quebra de paradigmas já enraizados na sociedade.

No senso comum, a questão do gênero é determinada pelos corpos e interpretada como se fosse de ordem natural. É comum encontrar explicações científicas que baseiam essa diferenciação a partir do funcionamento dos hormônios ou na atividade cerebral, que é diferente em cada sexo.

Essas explicações científicas, "encobrem o longo processo de socialização que nos tornou humanos/as e encobrem, também, o processo de socialização que divide os indivíduos em gêneros distintos" (CARRARA; et. al, 2009 p.).

Neste sentido, as ciências sociais e humanas entendem que o conceito de gênero está estreitamente relacionado com uma construção social e histórica, onde homens e mulheres são produtos da realidade social em que estão inseridos, e não reflexos automáticos e necessários da anatomia de seus corpos.

Pois na medida em que o conceito afirma o caráter social do feminino e do masculino, obriga aqueles/as que o empregam a levar em consideração as distintas sociedades e os distintos momentos históricos de que estão tratando. Afasta-se (ou tem a intenção de afastar) proposições essencialistas sobre os gêneros; a ótica está dirigida para um processo, para uma construção, e não para algo que existia *a priori*. O conceito passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos. Observa-se que as concepções de gêneros diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem (LOURO, 1997, p. 22-3).

Isto significa que não existe um único padrão de gênero que possa ser considerado certo, superior, normal ou melhor. Essa concepção mais abrangente de gênero foi construída para mostrar que a anatomia não é o elemento definidor das condutas da espécie humana. A espécie pode ter sexos diferentes, masculino e feminino, mas isso não determinará o gênero de cada indivíduo. As questões do sexo e de gênero, em algum momento, se cruzam, mas uma não é decorrente da outra.

Uma mulher, por exemplo, pode não ter o desejo de ser mãe, mesmo ela tendo toda a anatomia física preparada para isso. Assim como corpos masculinos podem expressar gestos considerados femininos em determinado contexto social; tudo vai depender dos significados atribuídos a estes gestos ou situações por aqueles que os/as estão interpretando em um determinado momento.

Assim, para este trabalho, entende-se que:

Quando falamos em gênero, estamos nos referindo ao sexo social, isto é, a uma complexa estrutura social que, a partir do nosso sexo biológico determina diferentes processos de socialização que perpassam todas as relações, enquanto indivíduo homem ou mulher. Assim, nascemos com uma vulva ou pênis, mas só a socialização nos tornará homens ou mulheres (ARAUJO, 2001, p. 58).

Desde o nascimento, as pessoas são ensinadas a viver em sociedade. Estas relações sociais estabelecidas, em um primeiro momento, com a família influenciam a construção das referências de gênero.

Quando as crianças entram na escola, já trazendo na bagagem as influências familiares, a escola assume sua posição de mediador da construção da equidade entre os gêneros. Como ela não é um espaço neutro, é preciso que educadores repensem o currículo escolar com a responsabilidade de não contribuir para o aumento dos preconceitos e da discriminação.

Se a diversidade e o gênero são socialmente construídos pelas pessoas no dia a dia com a família, com a escola, com os amigos, conclui-se que essas convenções sociais podem ser transformadas, discutidas, questionadas e modificadas em busca da igualdade entre todos (CARRARA; et. al, 2009 p.).

Portanto, igualdade não significa tratar todos da mesma forma. Significa respeitar as particularidades, as individualidades de cada pessoa para garantir que todos tenham acesso aos direitos sociais, político e civis.

## **2.2. A ESCOLA COMO ESPAÇO DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE**

A escola faz parte da sociedade e por isso não está imune aos benefícios ou malefícios produzidos por esta mesma sociedade. *"A escola é, portanto, influenciada pelos modos de pensar e de se relacionar da/na sociedade, ao mesmo tempo em que os influencia, contribuindo para suas transformações"* (CARRARA; et. al, 2009, p.).

Com a identificação das diversas situações de discriminação e preconceito, vê-se na escola inúmeras possibilidades para a alteração desse processo. Considerando os propósitos deste espaço, a obrigatoriedade constitucional e a heterogeneidade de seu público (distintas raças, culturas, etnias, origens, gênero), a escola torna-se responsável por construir caminhos que eliminem o preconceito e as práticas discriminatórias.

Entretanto, educar para gênero e diversidade não é uma tarefa apenas da escola. É responsabilidade do Estado e de toda a sociedade; é responsabilidade da escola juntamente com estudantes, comunidade escolar, funcionários, pais e governos.

Neste sentido, é preciso que a escola reconstrua sua prática pedagógica com o intuito de substituir práticas homogeneizadoras por práticas cidadãs, que valorizem as questões de gênero e diversidade. A concepção de homogeneização considera que todos devem se adaptar as normas e a normalidade da sociedade, eliminando possíveis diferenças.

Essa ideia ainda justifica algumas práticas pedagógicas. Porque falar de diversidade e gênero, levantaria questões que hoje estão escondidas, preconceitos já mascarados e discriminações ocultas pelo silêncio dos currículos, pretende-se, portanto, construir a prática educativa a partir dos diálogos, da convivência e do engajamento na promoção da igualdade, afim de barrar toda a forma de desigualdade e discriminação que se fizer presente. O intuito não é mudar as

metodologias utilizadas, o que se propõe é rever todas as relações que acontecem no ambiente escolar dando ênfase ao respeito a diversidade, a construção da igualdade, a qualidade da educação e a superação das discrepâncias nas relações entre as pessoas, sejam elas homens ou mulheres, brancos ou negros, homossexuais ou heterossexuais.

Se a escola não valoriza os conceitos e diversidade e gênero através de textos, imagens e até nas falas dos professores, o que resta aos alunos é se adaptar ao que a sociedade espera, se conformar com os padrões já estabelecidos, ou, pior ainda, abandonar os estudos por medo do preconceito.

A comunidade escolar precisa, então, estar atenta às atitudes que violam o respeito do gênero e da diversidade dos seus indivíduos. Todos precisam ser estimulados a não permitir a reprodução de piadas pejorativas e tratamentos discriminatórios que, muitas vezes, se manifestam de forma sutil. Mesmo que não haja a intenção de magoar alguém, as pessoas que recebem esses tratamentos se tornam vítimas do preconceito e sofrem com essas atitudes.

As questões de gênero e diversidade, não podem ser tratadas como um conteúdo qualquer dentro das escolas, que os educadores utilizam para cumprir carga horária ou para tomar o espaço das disciplinas "menos importantes". É preciso reafirmar que o currículo escolar não é neutro e que esses conceitos estão presentes em todas as áreas do conhecimento, sem exceções. É dentro da escola que a diversidade e gênero serão respeitados ou negados. É nessa convivência com a comunidade escolar, nas relações estabelecidas entre professor-aluno, professor-professor, aluno-aluno, aluno-professor-sociedade que nascerá o respeito as diferenças.

Dessa forma à medida que estas temáticas deixam de ser exclusivas a determinados grupos, elas passam a ser mais aceitas e a ter maior repercussão.

A escola é o ambiente mais propício para a construção de identidades, aprendendo a importância da convivência e o respeito às diferenças.

### **2.3. A APRENDIZAGEM E A DIFERENÇA: APRENDER A APRENDER**

Conceituando a escola como uma das responsáveis pela aprendizagem e a construção do caráter dos indivíduos, é importante analisar a maneira como a escola influencia essa relação.

Segundo Quinteiro (2000), o caráter ideológico das representações sobre a criança, caracteriza e influencia a prática pedagógica. Para a autora, isso exige uma mudança de mentalidade e um rompimento de cultura em direção a uma consciência de classe, para que o docente passe a entender-se e compreender-se como ser social, que supere aquilo que é de senso comum, e ainda que altere suas condições de prática educativa, mas para isso é necessário que esse docente saiba ouvir e estar disposto a ouvir o que o discente tem a dizer de si mesmo e do outro, inclusive do próprio docente.

O que se percebe é que os alunos compreendem aquilo que os rodeia, porém essa percepção, esse conhecimento, não é percebido pelos professores, pois estes não estabelecem um diálogo entre a cultura de origem dos alunos – o capital cultural- e o conhecimento ensinado, deixando de considerar as diferenças. O olhar do professor vê os alunos apenas *"como seres de cognição e, mesmo assim, de forma equivocada: sua maior ou menor capacidade de aprender conteúdos e comportamentos; sua maior ou menor disciplina"* (DAYRELL, 1996, p.)

Os problemas que as diferenças provocam são muitos, mas talvez um dos principais seja a decepção dos alunos e o insucesso escolar.

Por esse motivo, as escolas devem se preocupar em estabelecer uma educação voltada para o respeito e a diversidade, buscando a tolerância da sociedade para que ocorra uma ordem social. A escola, então, deve assumir uma postura de agente transformador, promovendo conhecimento, apresentando diferentes propostas educativas que devem ser baseadas em princípios legítimos e democráticos.

A diversidade e gênero cultural são um grande desafio. Existem leis que regulam e orientam o processo educativo, entre elas a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) e os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais). Não são os únicos caminhos, mas podem apontar para um norte. Assim, entre políticas educativas, desejos, princípios legais, princípios éticos e valores, a diversidade

social e cultural nos coloca diante de nosso maior enigma: a semelhança do mesmo e a diferença do outro.

## 2.4. ESCOLA, EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE E GÊNERO

Considerando que para a conquista da igualdade, é necessário que haja o respeito as diferenças, uma questão se faz necessária: ser diferente é ser desigual? Com base na questão acima, observa-se conforme SANTOS:

Nos planos econômico, social, político e das relações pessoais, "diferença" tem significado, em nosso país, quase sempre de "desigualdade"; ou mais exatamente: as diferenças étnicas, culturais, fenotípicas, serviram de marcas entre desiguais sociais. No plano da cultura, porém, a aplicação dessa equivalência (diferença=desigualdade), confunde os partidários da "democracia", levando-os a postular o fim das diferenças como garantia de igualdade. Eis o que pensaria um "democrata" bem intencionado: "nossos alunos serão iguais a nós quando não forem diferentes" (SANTOS, 1989, p.26)

Nesse sentido, tornar todos iguais, negando que as diferenças existam, é um ato de poder, um ato autoritário, um ato de negar o outro, de negar o diferente.

Assim, como diz STOLCKE (1993, p.28), "*compreendemos que igualdade e diferença não são categorias absolutas*" - dependem das relações em jogo para definir o igual e o diferente e assim, num processo de poder e dominação, gerar a marginalização e a exclusão.

Aqui, a escola fica de frente com seu maior problema e desafio, que é o fracasso diante da diversidade, gênero e pluralidade. Nesse momento então, o que entra em discussão é a cultura, o que é cultura, como ela é discutida, pensada, e incluída nos projetos e no cotidiano das escolas. E para compreender a cultura de um grupo, ou de somente um indivíduo inserido em um grupo, é necessário olhar a sociedade onde esse indivíduo ou grupo estão inseridos. É na sociedade que as diferenças ganham seu sentido e expressão, e definem as diferenças nas relações entre os indivíduos.

Fazemos parte de uma sociedade em que as relações entre os sujeitos são relações de hierarquia e poder, e algumas classificações são "naturalizadas" como próprias de algum grupo, como dizer que os índios são selvagens ou que são

preguiçosos. Assim que muitas vezes a dificuldade de aprender é explicada pelo fato de se “*ser paraibano, nordestino, favelado, vesgo, canhoto, filho de prostituta.*” (SANTOS, 1989, p.73). Assim, educar é um desafio, pois está no interior de um embate.

Professores devem entender seus alunos como iguais. Não iguais como pessoa ou identidade, pois se sabe que os alunos têm origens diferentes, culturas diferentes, religiões diferentes, porém devem ser vistos como alunos, uma categoria geral e também abstrata, que nega as diferenças que os tornam sujeitos sócio culturais. DAYRELL (1996, p.139) afirma que:

Para grande parte dos professores, perguntas como estas não fazem muito sentido, pois a resposta é óbvia: são alunos. E é essa categoria que vai informar seu olhar e as relações que mantém com os jovens, a compreensão de suas atitudes e expectativas. Assim, independente do sexo, idade, da origem social, das expectativas vivenciadas, todos são considerados igualmente alunos, procuram a escola com as mesmas expectativas e necessidades. A homogeneização dos sujeitos como alunos corresponde à homogeneização da instituição escolar, compreendida como universal.

Por muitas vezes ser diferente significa ser desigual, uma vez que por trás da desigualdade, está o preconceito que faz com que as pessoas julguem as outras somente pelas aparências.

Analisando estes aspectos, entende-se que gênero e diversidade não deveria ser tratado apenas nas questões sobre sexualidade e/ou discriminação racial, mas em todos os demais setores da sociedade e em todas as situações que perpassam estes tópicos.

As diferenças devem ser estimuladas, considerando cada ser como único, porém sem dar abrigo à desigualdade, promovendo a compreensão através de situações vividas no cotidiano, afim de tornar a sociedade mais justa e humana.

A escola é um espaço de aprendizagem, porém antes disso é um espaço sócio cultural. Assim a escola é um espaço de sociabilidades, de encontros e de desencontros.

Analisar a escola como espaço sócio-cultural significa compreendê-la na ótica da cultura, sob um olhar mais denso, que leva em conta a dimensão do dinamismo, do fazer cotidiano, levado a efeito por homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, negros e brancos, adultos e adolescentes, enfim, alunos e professores, seres humanos concretos, sujeitos sociais e históricos, presentes na história, atores da história. Falar da escola como

espaço sócio-cultural implica em resgatar o papel dos sujeitos na trama social que a constitui enquanto instituição. A escola como espaço sócio-cultural é entendida, portanto, como um espaço social próprio, ordenado em dupla dimensão. Institucionalmente, por um conjunto de normas e de regras, que buscam unificar e delimitar a ação de seus sujeitos. Cotidianamente, por uma complexa trama de relações sociais entre sujeitos envolvidos, que incluem alianças e conflitos, imposições e normas e estratégias individuais ou coletivas, de transgressão e de acordos. Um processo de apropriação constante dos espaços, das normas, das práticas e dos saberes que dão forma à vida escolar. Fruto da ação recíproca entre o sujeito e a instituição, esse processo, como tal, é heterogêneo (DAYRELL, 1996, p. 136-137).

A questão é que a heterogeneidade está negada institucionalmente, pois a escola organiza os conteúdos de forma única e universal, não sendo respeitada, muitas vezes, as especificidades, sendo abstrato e distante do aluno. *“Assim, a escola representa um saber positivista perante um saber cultural”* (ITURRA, 1990, p.55).

A partir desse ponto, deve-se pensar a pluralidade cultural dos grupos, sejam eles culturais, sociais, étnicos, não como um simples conteúdo em datas especiais, mas como matéria-prima da aprendizagem, enraizada e incorporada junto ao currículo, reforçando assim que se rompa com a desigualdade e com a discriminação, instaurando um processo de paridade e igualdade entre os sujeitos, compreendendo assim que o *“ensino é repetir, criando uma subordinação; a aprendizagem é descobrir, criando uma relação de comunicação.”* (ITURRA, 1990, p. 31)

Há então um mecanismo que separa o ensinar da educação. SANTOS (1989), diz:

Educação seria tudo o que se transmite, de qualquer maneira, formal ou informalmente, todo o tempo, aos menos experientes, sem objetivos específicos. Ensino seria uma particularização da educação, através de determinada maneira (isto é, utilizando a escola), formal ou informalmente, num tempo exclusivo, com o objetivo específico de treinar uma competência particular. Pois bem: é evidente que não se pode colocar as pessoas que educam no lugar das que ensinam. Estamos condenados a lamentar essa contradição para sempre? (SANTOS, 1989, p. 28)

Aqueles incumbidos do processo de ensinar devem compreender que há um “capital cultural” de cada indivíduo, e que sem uma troca de saberes o ensino não será pleno. Para BORDIEU (1968, p. 97), citado por CATANI (1998, p.), capital cultural é:

O conjunto de recursos reais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento mútuos, ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como o conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem reconhecidas pelo observador, pelos outros e por eles mesmos), mas também que são unidos por ligações permanentes e úteis. (CATANI, 1998, p.)

Aqueles que ensinam não devem partir do princípio que todos têm as mesmas informações, mas devem entender que a educação e o processo e aprendizagem devem ser baseados e pautados na comunicação e na permanente troca.

### **3. CONSIDERAÇÕES**

A escola é um espaço significativo em nossa sociedade, para a construção de subjetividades. Assim, deve estar preparada para orientar e interagir com docentes, discentes e comunidade escolar, para que todos passem a enxergar essa atual sociedade, plural e diversa, onde etnia, religião, condição social, condição financeira, sexualidade e capital cultural sejam igualmente respeitados. A mudança deve partir da escola, pois é nela que o indivíduo deposita seus anseios e seus desejos, mesmo que subjetivamente.

Os desafios são muitos. A formação continuada é necessária, mas a principal mudança deve ocorrer dentro de cada um, e a consciência a ser gerada deve ser de que ninguém é igual, e todos tem os mesmos direitos e a mesma forma de tolerância e respeito. Assim, ocorre a diminuição dos preconceitos, bullying e homofobia, contribuindo para uma sociedade mais inclusiva e principalmente mais justa.

Por fim para se tratar dessas temáticas dentro da escola as dificuldades são imensas, a questão da aceitação social, visto que infelizmente a sociedade ainda tem traços patriarcais, é uma questão pertinente e preocupante, mas apenas dentro do âmbito da educação é que se pode buscar a mudança social, dessa forma se faz necessário, começar, aos poucos, essa transformação dentro da escola. Outra questão é a formação de professores, muitos não possuem a formação necessária para que possam trabalhar essa temática, é neste ponto que entra o papel do estado.

O estado não deve apenas servir como financiador da educação, mas também como um incentivador e promotor de cursos de formação e políticas públicas, com a finalidade de combater as desigualdades provenientes do gênero e da diversidade cultural que ainda se fazem presentes no país.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, M. L. D. **Gênero e Papeis Sociais**. In: Márcia Hoop Dangremon; Marlene Vaz; Cecy Helenize Prestrello. (Org.). **Viva a Menina Adolescente**. 1ed., 2001.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino fundamental**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <[www.mec.gov.br/sef/sef/pcn.shtm](http://www.mec.gov.br/sef/sef/pcn.shtm)>. Acesso em 20.09.2015

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Imprensa Oficial, 2001.

BRASIL. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. **Texto-Base da Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais**. Brasília, 2008.

BORDIEU, Pierre. **O capital social**. In: CATTANI, Antonio. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CARRARA, Sérgio et al. (Orgs.). **Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais**. Caderno de atividades. Rio de Janeiro: CEPESC, 2009.

DAYRELL, Juarez. **A escola como espaço sócio-cultural**. In: DAYRELL, Juarez (org.) **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

FLEURY, M.T.L.; et al. **Gerenciando a diversidade cultural: experiências de empresas brasileiras**. Revista de Administração de Empresas. 2000.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: Unesco, 2003.

ITURRA, Raul. **Fugirás à escola para trabalhar a terra**. Ensaios de Antropologia Social sobre o insucesso escolar. Lisboa: Escher Publicações, 1990.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

QUINTEIRO, Jucirema. **Infância e escola: uma relação marcada por preconceitos**. Tese de Doutorado. EE./UNICAMP, abril de 2000.

SANTOS, Joel Rufino & VARGAS, Eduardo Viana (orgs.) **Literatura e Criança. I Encontro Local do Programa Quanto Vale uma Criança Negra**. Rio de Janeiro: ISER -Instituto de Estudos da Religião, 1989.

STOLCKE, Verena. **Cultura européia: uma nova retórica de exclusão?** Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo, n. 22, jun. 1993.